

A construção do sujeito na autobiografia

Carla Zanata Scapini¹

RESUMO: Este artigo aborda uma das formas narrativas mais canônicas em que o escritor constrói a própria imagem: a autobiografia. Partindo da obra *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes, indagamos sobre como a formalização discursiva do relato cria e assegura a crença de que o sujeito empírico pode ser conhecido, em toda a sua complexidade, por meio da história narrada, apesar das lacunas da memória e da distinta materialidade que compõe narrador-personagem e escritor. O fio condutor dessa análise são as implicações do pronome eu que, amparado em dados documentais sobre a vida do escritor, é responsável por mascarar as disjunções entre a pessoa física deste e a imagem que ele cria de si frente a um leitor específico. Ao dizer eu, neste caso, o narrador propõe uma continuidade entre os sujeitos, tornando a obra autobiográfica mais uma das formas onde o jogo das identidades se manifesta, porém de modo permanente.

Palavras-chave: Autobiografia; Sujeito; Identidade.

The construction of the subject in autobiography

ABSTRACT: This paper is about one of the more canonical narrative forms where the author creates his own image: the autobiography. Reading the narrative *Memórias de um sobrevivente*, we ask about how the speech creates and guarantees the belief in the possibility to know the real person (the writer), in all its complexity, throughout the story, despite the memory's failures and the differences between author, narrator and protagonist. The principle of this analysis is the implications of personal pronoun (me) that is responsible for masking the differences between empirical subject and the image created about himself forefront a specific reader. Saying me, in this case, the narrator proposes some continuity between the real subject and the language subjects, making the autobiography another form where the play of identities happens, but in a permanent manner, because of the written form.

Key words: Autobiography; Individual; Identity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde que os processos de migração para os grandes centros começaram a desencadear a percepção das diferenças culturais entre os mais diversos grupos, o universo literário foi tomado por uma larga produção de obras que catalisam as problemáticas, as tensões e os conflitos que presidem o contato com o Outro. São narrativas cuja matriz

¹ Doutoranda em Letras, área de concentração Estudos literários. UFSM, Santa Maria, Brasil. carlascapini@gmail.com

estruturante é a afirmação de uma identidade² particular (ou a de um grupo), numa tentativa de resgatar, via processo memorialístico, quem é o eu que enuncia e marcar, ao mesmo tempo, uma diferença em relação ao outro, distinto desse eu.³

Relatos de cunho autobiográfico ganham, nesse sentido, papel de destaque, uma vez que o próprio gênero (a autobiografia) se fundamenta na reconstituição do passado com o intuito de elucidar aquilo que o sujeito veio a ser no final da história. Assim, a continuidade do sujeito na narrativa, entre passado, presente e futuro, numa linha teleológica, é o que permite a construção de sua identidade, aquilo que possibilita reconhecê-lo como o mesmo ao longo do tempo e marcadamente diferente de qualquer outro sujeito que o cerca. Essa identidade construída na narrativa, por sua vez, não é apenas uma recriação ficcional que procura representar as formas como certos sujeitos inventam a si mesmos todos os dias. Mais que isso, a autobiografia implica perguntas de ordem ontológica, uma vez que a imagem do protagonista construída na narrativa remete imediatamente à imagem do escritor da obra, sendo que é a história de vida deste último a que figura como o assunto primordial da obra.

Quanto mais mascarada a ficcionalização do relato, isto é, quanto mais documentada a história se apresenta, através de dados paratextuais sobre a vida do autor, entre outros elementos discursivos, que corroborem o mundo narrado, mais a narrativa atende a uma demanda de construção e afirmação identitária que possibilita a crença de que a imagem do autor no livro permite conhecê-lo na vida real. A autobiografia, neste caso, projeta-se como apenas mais um dos canais pelos quais o sujeito empírico inscreve a identidade que ele constantemente cria para si, numa posição sempre dialógica com o outro, com o diferente.

Esse tipo de relato fortemente amparado em elementos documentais da vida do escritor tem sido fundamental na configuração de um tipo de literatura surgida de lugares que começam a despertar o interesse de intelectuais e do mercado editorial como possibilidade literária: as prisões. Em se tratando de narrativas de presidiários comuns, geralmente elas se reportam a leitores que nunca estiveram do lado de dentro do cárcere e se ocupam, nas suas

² ÕConfluían en esse renovado interés, por un lado, los cambios ocurridos em el mapa mundial (La disolución de los bloques antogónicos este/oeste, la intensificación de los tránsitos migratórios, el debilitamiento de las ideas de nación y ciudadanía, la fragmentación identitária y cultural que aparecía, ya tempranamente, como contracara de la globalización), por el otro, la crisis de ciertas concepciones universalistas y sus consequentes replanteos desconstrutivosö. (ARFUCH, 2005, p. 21)

³ A partir do momento em que o homem se tornou o centro do universo e se viu dissociado dos demais como um indivíduo, a expressão EU despontou nas formas literárias, capazes de captar essa mudança, tendo sua culminância no Romantismo. Essa cisão com o outro, portanto a diferença, é a pedra fundamental em que se baseia essa afirmação identitária. Eu sou eu somente com relação a um outro, distinto de mim, afirma Benveniste.

mais diferentes resoluções formais, de construir uma imagem sobre como é a instituição prisional e os sujeitos que lá estão, apresentando-se como fontes através das quais é possível conhecer a realidade vivida pelos presos. Em especial, o elemento autobiográfico dessas narrativas marca um interesse profundo sobre quem é esse eu que escreve, até então desconhecido ou oculto na propriedade turva do qualificativo que carrega.

Obviamente não se pode generalizar as formalizações discursivas dessas obras, tampouco as funções a que elas se destinam, mas a presença de determinadas características autobiográficas nesses textos produzidos recentemente na prisão são uma constante que nos informa sobre certa necessidade de esses presidiários-escritores criarem para si uma faceta particularizada ao contarem a própria história, que os mostre como seres humanos, sem que isso resulte necessariamente em uma vitimização ou justificativa para seus atos. Dentre as várias obras que surgiram no início deste século, formando um bloco significativo de histórias cuja temática é a prisão e cujos autores ou, ao menos, personagens, são os próprios presidiários, destaco especificamente uma delas, sendo o caráter autobiográfico o eixo motriz do relato. Trata-se de *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes.

O narrador-protagonista do livro é o próprio autor, que conta sua história desde a infância pobre, no subúrbio de São Paulo, passando por sua iniciação no crime, sua formação como perigoso assaltante, seus longos anos de vida na prisão, as torturas que sofreu, até o momento em que, nas passagens finais do livro, apaixona-se pela leitura e, em seguida, pela escrita. Este encontro com o universo letrado é um dos momentos cruciais da narrativa, uma vez que é assinalado pelo próprio narrador-protagonista como uma verdadeira ruptura com todo o seu passado no mundo do crime.

O relato, portanto, busca dar conta de quase toda a vida do sujeito, desde os seus seis anos até o momento em que o livro *Memórias de um sobrevivente* está sendo escrito. Isso cria a ilusão de que a vida do autor pode ser conhecida quase por completo, mascarando as lacunas da memória, as limitações da escrita e as diferenças abismais entre as propriedades desta e as da vida empírica. Por isso, este estudo busca analisar como a narrativa constrói e assegura a crença de que ela é fonte de acesso ao conhecimento do sujeito de carne e osso que escreveu a obra. Esta é uma análise, do ponto de vista da formalização discursiva da obra, voltada para compreender como as conjunções entre as categorias de autor, narrador e personagem são fundamentais para criar a ideia de referencialidade do sujeito.

1.A IDENTIFICAÇÃO ENTRE OS SUJEITOS

Ao passo que a obra *Memórias de um sobrevivente* estabelece uma relação de referência com o mundo empírico por meio dos aspectos documentais que evidencia, também se oferece como uma forma de o leitor conhecer o sujeito empírico que representa, na medida em que parece haver uma indistinção entre quem narra e o sujeito referencial Luiz Alberto Mendes. Esta é uma proposta de leitura dada de antemão à narrativa, pelos paratextos, os quais criam um horizonte de expectativas que visa dirigir, em certo sentido, o olhar do leitor para o caráter autobiográfico do relato, isto é, para uma história vivida e narrada pelo mesmo sujeito que a escreve.

Do ponto de vista crítico, há certas formulações, já canônicas, que afirmam a impossibilidade de se ler, na obra, o sujeito que se encontra fora dela. Participo desta convicção de que estamos frente a signos, sendo o narrador-protagonista não mais do que uma mera representação criada por força de códigos específicos, que, em seu conjunto, permitem a construção de uma imagem que visa a mimesis do humano.

No entanto, distingue-se a crítica que entende os sujeitos narrativos como construção de linguagem, portanto, representação, e o modo como a obra sugere a atualização de um ser empírico. É isto, sobretudo, o que aqui interessa enquanto análise: observar e compreender quais aspectos linguísticos possibilitam a leitura do texto como autobiografia, isto é, o relato de uma história pelo mesmo sujeito que a vivenciou, de forma que a narrativa se apresente como uma transcrição fiel de sua vida. Por isso, tendo-se em vista a obra como construção de linguagem, somente a apreensão de seus elementos compositivos poderá possibilitar a visão do processo de criação, sustentação e credibilidade do caráter autobiográfico.

O ponto de partida para a construção da autobiografia são os aspectos que criam a identificação entre sujeito na narrativa e sujeito externo a ela. Assim, afora a tendência, produzida no leitor, pelo ato da representação, de identificar as personagens de um livro consigo e com as pessoas das quais tem conhecimento, a obra cria uma vez mais essa identificação: o narrador-protagonista não é simplesmente a representação de uma figura genérica humana, mas, também, de modo particular, faz referência direta a um indivíduo cuja existência possui registro, ou seja, o escritor.

Este, por sua vez, não faz parte da narrativa, pois se constitui como uma entidade externa, cuja única atualização, no livro, é o nome que o identifica como o responsável por escrevê-la, isto é, aquele que manipulou o texto enquanto matéria linguística. A assinatura na

capa, dessa forma, atesta a existência de um escritor a quem cabe os direitos sobre ele. Pondo-se de lado a discussão sobre os problemas dos pseudônimos, que não são, em absoluto, os desta obra, faz parte das convenções literárias a concepção de que o nome próprio pessoal presente na capa diz respeito a um homem que produziu o texto, sendo, portanto, o registro da existência do autor Luiz Alberto Mendes.

Além dos comentários dos paratextos, que informam sobre escritor e obra, o nome do autor é o único dado sobre ele. Aliás, constitui a marca exclusiva de sua presença no livro. Por isso, não se pode perder de vista que o que se apresenta na capa é um signo que o representa e anuncia sua existência. A presença do autor sob a forma da linguagem é ela mesma a origem e a via de acesso ao sujeito empírico, mediando obra e mundo. Dessa maneira, ao buscar os aspectos que identificam sujeito da narração, sujeito narrado e sujeito empírico, deve-se levar em conta a matéria que constitui este último na obra e limita o conhecimento sobre ele: a palavra.

Os elementos do relato responsáveis pela criação tanto do narrador e da personagem quanto da ideia de que estes atualizam o autor são o dispositivo para analisar a identificação entre estas três categorias de pessoa narrativa. Logo, interessa, neste momento, compreender os aspectos linguísticos que condicionam a crença na identidade entre os sujeitos da/na narrativa e aquele que se encontra fora dela, sendo esta conjunção o elemento motriz do discurso autobiográfico. Assim, faz-se necessário observar em que medida ocorre esta identificação; de que forma a personagem é relacionada ao autor e como o narrador, por sua vez, é vinculado a ele.

Dado que as informações a respeito do escritor são poucas e limitadas aos paratextos (orelhas, contracapa, prefácio), a grande fonte de criação da imagem do autor é o modo como as categorias de narrador e personagem se entrecruzam e projetam um sujeito unificado, que é reconhecido como sendo a imagem do autor. Por isso, o objeto primeiro de análise serão as relações que identificam os sujeitos narrativos entre si, para, a partir de então, buscar-se compreender quais aspectos possibilitam a sua projeção externa ao texto.

2.NARRADOR E PERSONAGEM: CONJUNÇÕES E DISJUNÇÕES

A grande máscara utilizada em uma narrativa em primeira pessoa é o pronome pessoal: ao dizer eu, o narrador oculta seu desdobramento numa imagem de si, apaga a manipulação que empreende em sua figura ao tomá-la como objeto da narração. Ao dizer eu,

propõe-se inteiro, figura e pensamento: “Dona Eida, minha mãe, dizia que até os seis anos eu era um santo. Meu pai, seu Luiz, dizia que eu era um débil mental. Disso lembro bem.” (p.13).

Nesta passagem, que dá abertura a *Memórias de um sobrevivente*, o narrador toma como matéria do relato elementos que remetem a si próprio, tais como sua mãe e seu pai. Isso pode ser apreendido pelos pronomes possessivos em primeira pessoa (minha, meu) que acompanham tais substantivos e informam o tipo de relação estabelecida entre narrador e mundo narrado: de alguma forma, a história lhe diz respeito. Porém, no trecho acima, somente à observação da função dessas duas personagens em relação ao enunciado é que a narrativa se evidencia como o relato de uma história pessoal, pois a mãe e o pai do narrador estão voltados exclusivamente para uma outra figura, ainda inominada, mas que constitui o foco da observação e da caracterização feita por ambos: o eu, que aí aparece pelos olhos dos outros.

Este pronome pessoal é, portanto, a grande personagem, pois todos os demais elementos do trecho citado acima convergem para ele. Inclusive o narrador, ao contar sobre seu pai e sua mãe, está buscando informações não a respeito dessas figuras, mas sobre o eu a quem elas fazem alusão, isto é, sobre si mesmo, já que o pronome pessoal em primeira pessoa remete ao sujeito do discurso. Logo, o foco da narração é o próprio ser que conta a história, de modo que a imagem da personagem (o eu observado pelo pai e pela mãe) sobrepõe-se à imagem do narrador, no passado.

Esta última assertiva, que faz alusão ao tempo, refere-se a uma disjunção maior entre narrador e personagem, dado pelo tempo verbal, que irá distanciar enunciação e enunciado. O sujeito do enunciado se encontra no pretérito (que eu era um santo; que eu era débil mental), e o sujeito da enunciação, no presente (disso lembro bem). Isso significa que o pronome eu do trecho citado (e de toda a narrativa) alude a um objeto, no passado, que se identifica com a imagem de quem enuncia. No entanto, a imagem do narrador nunca se confunde com a da personagem, a não ser no final do relato, quando este é narrado no presente, estando o sujeito do enunciado, portanto, em conjunção com o sujeito da narração.

A disjunção entre ambas as categorias se deve principalmente ao fato de que o narrador se encontra em um tempo posterior a tudo o que aconteceu consigo. Por isso, ele olha para o passado de um modo muitas vezes diferente da maneira como a personagem o vê. Essa distinção, no entanto, não é somente da ordem da função de cada uma dessas categorias, isto é, narrar, por um lado, e ser tomado como objeto de narração, por outro. Ela se explica, na

narrativa, pelos próprios movimentos da personagem, que irá sempre manter um vínculo de causalidade em relação ao narrador.

Faz-se necessário informar, aqui, que o sujeito da narrativa se encontra em constante processo de formação. Porém, em um determinado momento, há uma ruptura e uma reversão dos valores que regem sua conduta até então, quais sejam, os códigos da malandragem e da sobrevivência nos subúrbios, nas ruas de São Paulo, como também na prisão. Esta interrupção está marcada pelo encontro do protagonista com a cultura letrada, e, em especial, com a literatura, momento em que a visão do mundo é ampliada para além do crime e da penitenciária. Nesta ocasião, há certa mudança nos objetivos que norteiam a personagem, sendo que o sujeito posterior não mais pode ser identificado absolutamente com aquele cujo único propósito era tornar-se malandro. Isso está exposto, no enunciado, de forma clara e afirmativa pelo narrador, que reconhece em si um processo de mudança e, na enunciação, por aquilo que ele consegue visualizar de seu passado:

O crime, a malandragem, a ideia que perseguira desde a infância, de ser bandido, malandro, foram se afastando do meu foco de visão. Agora aquilo era muito pouco para mim, diante dos horizontes que divisava. A cultura, o aprendizado, levavam-me a fazer uma releitura do mundo. Havia um lado melhor, e eu queria pertencer a ele. Claro, a cultura do crime que assimilara desde a adolescência ainda era, de certa forma, dominante em mim, mesmo que então não conseguisse perceber. Estava no meu sangue, nos meus ossos, demoraria a vida toda para conseguir um certo equilíbrio com a cultura social. (p.468)

Pode ser observada uma declaração explícita do narrador em relação às mudanças que a personagem, o eu no passado, sofre, ao descobrir outras possibilidades para si no mundo. Assim, há uma sequência de afirmativas que conduzem a essa disjunção entre o sujeito anterior ao encontro com o livro e o sujeito posterior. Por outro lado, o narrador também observa uma continuidade do ser narrado nesta mesma mudança, reconhecendo sua identidade de acordo com seu percurso existencial, ao esclarecer a permanência de aspectos que marcam as características do marginalizado social como: a cultura do crime (...) ainda era, cujo advérbio demarca a reincidência de um elemento passado em um tempo posterior que, no caso desta passagem, também é passado.

Não se encontra, no entanto, o narrador neste sujeito modificado. Isso é óbvio pelo fato de aquele não se tratar de uma categoria enunciada. Assim, a personagem do crime e a personagem da cultura letrada, apesar da transformação de pensamento e práticas, identificam-se pela historicidade que acompanha essa modificação e pelos resquícios que o

sujeito da enunciação observa permanecerem. No entanto, tampouco o Luiz Alberto Mendes amante dos livros confunde-se aqui com a figura do narrador, pois a transformação da personagem é tomada como assunto da narrativa, como objeto da narração, tanto que o tempo do narrado ainda é o pretérito.

O narrador se diferencia no sentido de que sua visão está para além desse passado, mesmo quando a personagem já tenha marcado uma postura diferente em relação ao crime. Somente o sujeito da enunciação consegue visualizar, no tempo da narração, portanto o presente da escrita e da leitura, aquilo que é ininteligível para o sujeito do enunciado, mesmo quando a visão de mundo deste já tenha se alargado. O único dotado da capacidade de perceber a situação, aqui, é o narrador, que afirma: ãa cultura do crime que assimilara desde a adolescência ainda era, de certa forma, dominante em mim, mesmo que então não conseguisse perceberö. É necessário, no entanto, não perder de vista que a focalização do narrador não está voltada para uma terceira pessoa, e sim para a primeira do singular, portanto, o eu. Dessa forma, à personagem, cuja função é vivenciar a história, não cabe, nesta narrativa, a faculdade de apreender o seu próprio processo, mas, em algum momento, quando esta se tornar o narrador da própria vida, terá este privilégio.

Isso não quer dizer que o narrador é a personagem no futuro, pois estes são categorias distintas, porém o pronome eu informa uma continuidade entre eles. Assim, a data de validade da falta de percepção da personagem, à qual fiz menção no parágrafo anterior, é comunicada pelo advérbio então, que prenuncia essa capacidade para o futuro, o que se confirma na consciência formada do narrador a respeito do desenvolvimento de seu caráter. Dessa maneira, a falta de consciência do processo de formação de seu modo de ver o mundo e de agir nele por parte da personagem, acrescido de um prenúncio de que tal consciência ainda será possível, mais a visibilidade que o narrador tem, ao voltar-se para si mesmo, do processo de construção de seus traços biológicos, psicológicos, sociais, criam a identificação entre o sujeito da narrativa em suas diferentes fases e o sujeito da narração.

O que é salientado no nível do enunciado é uma disjunção entre o passado e o presente do sujeito que conta a própria história. Todavia, ao mesmo tempo, o pronome eu estabelece uma ligação lógica entre ambos, de forma a caracterizar o sujeito atual, da narração, como o resultado, melhorado, diga-se de passagem, do processo evolutivo da personagem. É o que ocorre no fragmento abaixo, onde o narrador marca uma ruptura entre o que é e o que foi:

Acompanhei muitos serem destruídos, quais folhas ao vento. A maioria, a dor estupidificou, desumanizou, e os fez piores do que já eram. A mim, sinceramente, não sei por quê, tornou mais sensível, mais humano, mais compreensivo e capaz de perceber o sofrimento alheio. A dor dos outros já não me é indiferente, já me preocupa e faz sofrer também, se nada posso fazer para minorá-la. (p.476)

A ruptura, aqui, entre o sujeito do presente e o sujeito do passado é marcada no nível enunciativo, pelo uso de advérbios temporais e de intensidade, que denotam a passagem de um estado para outro. Porém, é importante observar que, ao passo que essas expressões mostram uma transformação que estabelece uma diferença entre os sujeitos e os distingue no que concerne aos valores morais, tal metamorfose não deixa de manter um vínculo identitário com o ser modificado, uma vez que é a partir deste que o outro se projeta, pois o sujeito mais sensível, mais humano, mais compreensivo o é em relação ao anterior, que possuiria essas qualidades em grau menor.

Qual princípio, portanto, estaria regendo a conjunção da identidade entre narrador e personagem? Em primeiro lugar, há o ponto máximo de encontro entre eles: o pronome que os identifica como o mesmo sujeito, tanto aquele que vivencia os fatos quanto aquele que os narra. Pelos elementos angariados anteriormente, pode-se depreender que a imagem do eu que narra é construída pelo preceito de causa e consequência a partir do eu passado, sendo esta causalidade o fio condutor do reconhecimento do narrador na personagem: a memória.

A partir da memória, aquele que narra e interpreta o mundo diante do leitor se apresenta como o mesmo: a perspectiva da qual conta até mesmo os primeiros eventos é a de um sujeito que há muito os vivenciou, de forma a não restar dúvidas que estamos diante de uma mesma consciência, tanto no início da narrativa quanto no fim. Logo no começo do relato, por exemplo, ao contar as peripécias de sua infância, o narrador tece uma comparação que foge completamente às experiências pueris, refletindo, pelo contrário, um conhecimento posterior, o da fobia das celas das prisões pelas quais passou:

Desde muito cedo vivi desesperado por liberdade, louco para viver solto como os outros meninos. Meu pai pouco me deixava sair de casa. (...)

Não suportava a reduzida prisão que se tornara minha casa. O quintal era pouco maior que a cela de uma cadeia. Tudo ali era velho demais para mim, já tinha visto aquilo tudo milhões de vezes. O assoalho que eu encerava desde pequenino, o telhado cheio de goteiras, os ratos do porão, tudo ali me cansava. (p. 15-16). [Grifo meu]

Esse fragmento mostra a distinção entre a natureza dos seres narrativos: a personagem se modifica, mas o narrador é uma constante que conhece a sua história tal qual um deus, que sabe de antemão o destino de todas as coisas. Todavia, é a experiência do adulto

com o cárcere que irá definir a percepção da criança em relação a sua casa. É justamente esta conjunção da memória que irá criar o efeito de que o sujeito atual, que se encontra na prisão, trata-se da mesma criança enfadada pelo quintal de casa.

É o ato de recordar que identifica o narrador com a personagem, na medida em que, pela memória, ele se reconhece no sujeito da narrativa. A preocupação com a reminiscência é, inclusive, enunciada, denunciando a necessidade do narrador em juntar os fragmentos que constituem sua existência em um conjunto autoexplicativo, buscando, na memória, todos os aspectos que poderiam auxiliar nesse propósito. Dessa forma, principalmente no início da história, alguns termos que aludem ao campo semântico da recordação são repetidos de forma frequente, mostrando os caminhos tortuosos da lembrança e as falhas que esta, por vezes, apresenta o que, em princípio, revela as possíveis lacunas na continuidade entre a história e o sujeito que a toma como objeto de narração:

lembro da primeira professora, de régua em punho...; Meu pai, desde que me lembro, já bebia...; Lembro das poucas vezes que conversou comigo. Tão poucas que não consigo lembrar um só tema de conversa; Não me recordo como aprendi, mas com oito, nove anos, já... (p.13-21) [grifo meu]

Essas passagens pertencem quase exclusivamente à narração da infância, sendo que as referências negativas à memória consideram o fato de que nem tudo do passado pode ser resgatado. Isso parece estar apontando para a visão de que a identidade pode não ser tão coerente quanto o relato pode mostrar, ou que sua coerência pode advir de certa construção a partir do presente.

No entanto, esses termos que marcam uma falha na memória são sobrepujados pela criação de uma identificação implacável entre o eu que narra e o eu narrado. A afirmação do verbo lembrar, na primeira pessoa, mostra um compromisso do narrador com o resgate de sua identidade pessoal, de forma que, até mesmo quando reconhece não recordar do ocorrido, acha necessário notificar o leitor, de forma que este tome a história de vida recordada (e narrada) como algo claro, límpido e sem distorções, porque até mesmo as lacunas da memória teriam sido colocadas às claras.

Assim, a confissão das falhas no percurso da recordação não interfere no ato de o narrador se reconhecer na personagem. Pelo contrário, ao apoiar-se na transparência (simulada) do discurso, o narrador parece estar se apresentando o mais próximo possível de sua verdadeira identidade, não só pela tentativa de juntar todos os elementos possíveis que ajudem a construir sua figura (o objeto da narração), como também pela maneira com que, ao

enunciar o próprio ato da recordação, simula estar apresentando fielmente também sua consciência, quando revela até mesmo seus embates na tentativa de lembrar.

Os elementos levantados na passagem acima, acerca do processo de recordação e da preocupação em mostrar a honestidade com que os fatos são resgatados, passam a dizer respeito não só à identificação entre narrador e personagem, reconhecidos um no outro pelo ato da memória, mas também à identificação entre essas duas categorias e o autor, quando da necessidade de atestar a fidelidade do que é narrado, de acordo com o que é possível lembrar daquilo que õverdadeiramenteö teria acontecido com o escritor.

Ressalta-se o fato de a obra se constituir como um discurso autobiográfico, não só no sentido de construir uma identidade entre os sujeitos criados pela narrativa, mas também no sentido de atribuir a estes a ideia de que estariam atualizando o autor no texto, revelando as diversas facetas que o constituem enquanto ser empírico. De que forma, portanto, as categorias de narrador e personagem estão fazendo referência ao Luiz Alberto Mendes, escritor? Em outras palavras, de que maneira o processo de construção dos sujeitos tanto da enunciação quanto do enunciado criam a imagem do autor?

3.FEITO À SUA IMAGEM E SEMELHANÇA: O AUTOR COMO CONSTRUÇÃO

Em *Memórias de um sobrevivente*, o narrador-protagonista refere-se ao próprio nome de forma pouco frequente. Vez por outra este aparece, no diminutivo: Luizinho. Somente quando o relato já avançou por várias peripécias da infância e da adolescência do protagonista, traquinagens, pequenos furtos, uso de drogas, punção e roubo de estabelecimentos nos quais trabalhara, estando a personagem no Recolhimento Provisório de Menores, é que seu nome completo aparece, no momento em que o narrador-protagonista faz referência a um interrogatório feito por um assistente social, encarregado de seu caso:

(...) O soldado abriu uma porta, pediu licença e me introduziu na sala. Havia um homem gordo, imenso, atrás de uma mesa de escritório.
õSente-seö, disse-me, mostrando com os olhos uma cadeira.
õVocê é Luiz Alberto Mendes Júnior?ö
õSim, senhor.ö (p. 124)

Luiz Alberto Mendes é, portanto, o nome do protagonista e do narrador. Esta identidade nominal, no entanto, não é propriedade exclusiva dos sujeitos na narrativa, pois é

tomado de um ser empírico específico, o escritor. Isso passa a confirmar que a narrativa procura dar conta da vida do sujeito de carne e osso que resolveu contar sua história.

Essa é a marca do discurso autobiográfico, isto é, a confluência entre autor, narrador e personagem, que, aqui, se dá tanto pela coincidência dos nomes como também pelas semelhanças⁴ entre o que é narrado no relato e o que é contextualizado sobre autor e obra nos paratextos. Assim, a coincidência dos nomes vem a solidificar a identificação e não deixar dúvidas de que as três entidades acima mencionadas são o mesmo sujeito.

O narrador-protagonista é associado ao autor pelo emprego do mesmo nome próprio. No entanto, o jogo de espelhos entre o sujeito da narração e autor e entre o sujeito da narrativa e autor é concebido de modo inteiramente distinto. Uma vez que a função do narrador e a função da personagem são diferentes, a construção de cada um será também diversa e, em consequência, também as associações que suas imagens estabelecem com o autor.

A personagem configura-se como um objeto a ser observado em suas relações com todo o mundo narrado: o tempo de sua vida (tempo da história), os espaços que ocupa, as demais personagens, sua voz presente nos diálogos, etc. Ela representa um modelo sobre o qual se podem apontar características concretas, baseadas tanto na descrição física (não só da personagem, mas de todo o mundo narrado, que a constitui) e psicológica, quanto em suas ações.

Como se pode observar na relação entre o que está narrado e as informações contidas na capa, contracapa, orelhas, prefácio, etc., muitos dados a respeito do protagonista acabam convergindo para algumas informações paratextuais acerca do escritor. As informações presentes no livro sobre o autor, porém, reduzem-se basicamente ao fato de que ele foi (e ainda, no momento da publicação do livro, o é) um presidiário e de que é um escritor. Sobre este, portanto, temos dois elementos: o nome e estas qualificações. O gosto, desde a infância, pelo perigo e pela liberdade que a transgressão das regras lhe proporcionava, o modo como chegou a tonar-se bandido, as peripécias pelas quais passou, os conflitos vividos na prisão, a violência que sofrera e que vira neste ambiente, a forma como chegou a ser escritor da própria história são tópicos narrativos que dizem respeito ao autor, uma vez que estabelecem relação com o seu nome próprio, mas são dados fornecidos absolutamente pelo relato:

⁴ Como veremos no desenvolvimento desta parte referente à identificação entre as três entidades, a semelhança entre os sujeitos na narrativa e o autor é, sobretudo, construída a partir das imagens do narrador e da personagem que, dado algum aspecto que os identifique com o escritor, projetam a imagem deste, tal como se estivessem somente traduzindo informações anteriores à obra.

Cabulava aula frequentemente. Toda semana assistia aos dois filmes que ficavam em cartaz (...) O capital para tais atividades saía dos assaltos ao bolso de meu pai, dos metais, cobre e alumínio, que roubava para vender e dos pequenos furtos que fazia em todo lugar aonde fosse. Aos dez anos já era um ladrãozinho bastante bem sucedido e oportunista. (p.30)

Ficamos quatro em cada cela-forte. Eram celas como as outras, apenas que estávamos sem colchões nem cobertores e isolados do resto da prisão. Fiquei com o Diabinho, Brasinha e Devagar. Diabinho achou que deveria me comer. Brigamos e ficamos empatados, ambos com a cara ardendo de socos. (p. 152)

Precisava era de livros. Eles me bastavam, sempre me salvaram, daí para a frente. Passei a ler noite e dia, tentando economizar páginas, como um contabilista. (p. 454)

Sobre os livros mais complexos, que não conseguia assimilar inteiramente, colhia os comentários de meus amigos e então fazia um aprendizado bastante substancioso. (p.458)

Este relato de parte de minha vida foi feito por volta de dez anos atrás. Estava dormindo no fundo de uma gaveta há tempos. (p. 471)

A personagem é baseada em uma pessoa real, neste caso, o próprio escritor da obra, cuja identificação é criada pela coincidência dos nomes e pelas informações paratextuais já mencionadas em outro momento. Todavia, o conhecimento sobre esse sujeito empírico não é anterior à narrativa, mas proporcionado por ela, através da fábula. Assim, os fragmentos acima, que selecionei a título de ilustrar certos aspectos do protagonista, relacionados com o mundo do crime e da violência e com a descoberta da literatura (motores da intriga), são os que, junto de todos os acontecimentos que marcam a sua trajetória, desenharam sua figura frente ao leitor. Por estabelecer uma identificação com o autor por meio da coincidência dos nomes, a construção da figura do protagonista dá forma e corpo ao escritor, contorna seu caráter, seus desejos, seus impulsos, seu modo de agir e de relacionar-se no passado, bem como o processo de desenvolvimento de sua personalidade.

Essa construção da personagem é o elemento base para a criação da imagem do autor. Até mesmo informações mais abrangentes acerca da história de vida deste, nas orelhas do livro, apesar de reforçarem o vínculo entre o que está na narrativa e o que está fora dela, são, em verdade, tópicos da própria história, não fugindo dela em momento algum.

Até os seis anos, Luiz Alberto Mendes era um santo para a mãe e um débil mental para o pai. Depois de entrar na escola, virou diabo. Apanhava em casa, morria de medo do pai e tinha um amor desmedido pela mãe. Fugiu de casa pela primeira vez aos doze anos. Começou a furtar dos pais, depois tornou-se punguista e ladrão. Aprendeu a sobreviver nas ruas e nas instituições corretivas. Foi detido várias vezes, brutalizado e torturado sistematicamente. Maior de idade, passou a grandes assaltos, até que matou um homem. (orelha)

Neste caso, há absoluta paridade entre os tópicos gerais dados no breve resumo da vida do autor e os momentos que pontuam as diferentes fases da vida do protagonista. Inclusive a marcação do início da existência do autor é exatamente igual ao início da construção da personagem: ambos contam com seis anos de idade. A imagem do autor, portanto, se dá a partir da constituição da imagem da personagem. Isso reitera a veracidade da obra e da identificação entre personagem e autor (já que aquilo que se conta no relato é o mesmo que se diz a respeito do escritor), mas, ao mesmo tempo, encerra o autor na obra: tudo o que se pode conhecer dele está na narrativa, de modo que é a personagem quem lhe vai conferir um rosto, pois, até então, ele contém apenas a opacidade do nome e a referência ao seu qualificativo principal: o estado de prisioneiro.

Não se deve esquecer, no entanto, que a personagem está ligada ao narrador pelo uso da primeira pessoa: é a coincidência dos nomes e a causalidade entre sujeito da enunciação e sujeito do enunciado, dada pela rememoração, que cria a identidade do sujeito que busca olhar para si. Este se configura como a soma do objeto narrado (de como se inseriu e se insere no mundo) e do próprio ato de narrar que constitui sua função (de como olha para o objeto da narração, ou seja, para si mesmo).

Assim como a personagem, o narrador também é associado ao autor, mas sua posição no discurso nos remete mais imediatamente a este por meio daquilo que pressupostamente resgata de sua presença viva, ou seja, o processo psíquico da recordação, no momento em que ela ocorre. Desse modo, o narrador é uma categoria que remete ao autor de um modo subjetivo, pela postura linguística, ou por suas ações de linguagem. Ele se situa no ponto zero da narrativa, pois se encontra no tempo da enunciação, a qual se atualiza no momento da leitura, de modo que, ainda que narre o passado, a interação com o leitor efetua-se no presente, ou seja, no instante exato em que a palavra surge. É a partir dessa voz no tempo da enunciação que se dão todas as perspectivas da matéria narrada, de modo que o leitor é guiado pelos olhos do narrador, isto é, reporta-se ao passado na medida em que ele o recorda, o que lhe propicia a impressão de estar acompanhando os movimentos subjetivos de perceber, recordar e pensar do narrador.

Em primeiro lugar, há, no texto, algumas marcas da enunciação, de modo a registrar o aqui e agora do momento da escrita, que estaria coincidindo com o aqui e agora do escritor de sua autobiografia: Luiz Alberto Mendes. Isso quer dizer que o narrador, ao colocar no enunciado a circunstância da escrita, projeta a imagem do escritor trabalhando o livro

Memórias de um sobrevivente, o que é reiterado pela identidade dos nomes, que cria uma conjunção entre as duas categorias da obra. Não se pretende afirmar que o sujeito da enunciação estaria contando o processo de escritura, o que efetivamente acontece, em alguns momentos, mas o foco central, neste caso, não é o que se narra, e sim o próprio ato de narrar: este, em determinados momentos, sobretudo no final da narrativa, desenrola-se diante dos olhos do leitor.

Falei sobre este livro engavetado. Ele quis conhecê-lo. (...) (p. 473)

Fernando, agora um grande amigo pessoal, veio para cá desenvolver um trabalho literário, convidado pela Sophia. (ibidem)

Confesso que o resultado não foi muito satisfatório, por esse lado. Talvez eu tenha ficado sem entender ainda mais. (p. 476)

No final, o que posso dizer? Que estou bem, que apesar de tudo o que aconteceu, das mil vezes que desisti e das mil e uma que retomei, eu estou legal. (p. 477) [grifos meus]

Os termos grifados, acima, revelam, no enunciado, o momento exato em que a palavra se faz, de modo que presenciamos, na passagem, o próprio ato da narração, que atualiza, no discurso, o sujeito que conta a própria história. Assim, o pronome *este* e o advérbio *agora* definem, respectivamente, o espaço e o tempo da enunciação. Porém, mais do que isso, o primeiro deles (o pronome *este*) faz referência a algo que está próximo tanto do leitor (o livro), quanto daquele que enuncia, que visualiza e toca o objeto referido.

Nesse sentido, a afirmação *Há também o fato de que, boa ou ruim, esta é a minha história. Quer dizer: sou o que resulta daí* (p. 477), equivale a dizer que o autor, aquele que escreve o livro, é o resultado dos componentes que formam a trama, isto é, o produto da soma de todo o processo de construção da personagem e do modo como o narrador, tendo aprendido com esse processo, olha para si e para o mundo que o cerca na narrativa. O autor, portanto, é a projeção das imagens do sujeito da narração e do sujeito do enunciado no presente, pois este é o tempo da escrita. Logo, sua imagem se constrói por meio do processo de formação da personagem, dos seis anos de idade até o momento da escrita, e por meio da construção do narrador, cuja imagem se dá pelo modo como toma o objeto narrado e o percebe de uma maneira privilegiada. Dessa forma, o autor, indefinido na propriedade turva do nome, ganha corpo e consciência, feito à imagem e semelhança dos sujeitos construídos pela narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *Identities, sujetos y subjetividades*. 2 ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005, p. 21-45.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Jovita M. G. Noronha; Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOUREIRO, Ángel G. (coord.). *La autobiografía y sus problemas teóricos: estudios y investigación documental*. *Suplementos Anthropolos*, Barcelona, n. 29, 1991.

MENDES, Luiz Alberto. *Memórias de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

ROBIN, Regine. *Identidad, memoria y relato*. La imposible narración de si mismo. Buenos Aires: Oficina de publicaciones, s/d.

Recebido em: 13 de março de 2013.

Aprovado em: 07 de abril de 2013.